
Sobre o autoritarismo contemporâneo: do contexto internacional ao cenário brasileiro

On contemporary authoritarianism: from the international context to the Brazilian scenario

Sobre el autoritarismo contemporáneo: del contexto internacional al escenario brasileño

Teoria e Cultura | Programa de Pós-

Graduação em Ciências Sociais - UFJF | ISSN:

2318-101x | v. 20, n. 2, 2025 | p. 310-324

DOI: 10.34019/2318-101X.2025.v20.50482

Fabrício Maciel¹

Resumo

Neste artigo, apresento uma síntese de algumas das principais discussões sobre o tema do autoritarismo contemporâneo, tanto no plano internacional quanto no cenário brasileiro. Na primeira dimensão, reconstruo a obra de autores como Klaus Dörre, Wilhelm Heitmeyer e Arlie Hochschild, dentre outros, de modo a demonstrar a relação entre um novo cenário de insegurança social e a ascensão do autoritarismo em países como a Alemanha e os Estados Unidos. Na sequência, adentro em algumas das principais obras sobre este debate entre nós, como as de João Cezar de Castro Rocha, Jessé Souza e Marcos Nobre, buscando apontar para alguns limites e possibilidades de nossa discussão interna.

Palavras-chave: Autoritarismo; Capitalismo; Desigualdade; Democracia; Extrema-Direita; Populismo.

¹ Professor do Departamento de Ciências Sociais da UFF-Campos e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da UENF. Bolsista de produtividade do CNPq, Jovem cientista do nosso Estado Faperj e editor regional da revista Global Dialogue, da ISA. Em 2022, foi professor visitante na Universidade de Jena, Alemanha.

Abstract

In this article, I present a summary of some of the main discussions on the topic of contemporary authoritarianism, both internationally and in Brazil. First, I reconstruct the work of authors such as Klaus Dörre, Wilhelm Heitmeyer, and Arlie Hochschild, among others, in order to demonstrate the relationship between a new scenario of social insecurity and the rise of authoritarianism in countries such as Germany and the United States. Next, I delve into some of the main works on this debate among us, such as those by João Cezar de Castro Rocha, Jessé Souza, and Marcos Nobre, seeking to point out some limits and possibilities of our internal discussion.

Keywords: Authoritarianism; Capitalism; Inequality; Democracy; Far Right; Populism.

Resumen

En este artículo, presento una síntesis de algunas de las principales discusiones sobre el tema del autoritarismo contemporáneo, tanto en el ámbito internacional como en el escenario brasileño. En la primera dimensión, reconstruyo la obra de autores como Klaus Dörre, Wilhelm Heitmeyer y Arlie Hochschild, entre otros, con el fin de demostrar la relación entre un nuevo escenario de inseguridad social y el ascenso del autoritarismo en países como Alemania y Estados Unidos. A continuación, analizo algunas de las principales obras sobre este debate en nuestro contexto, como las de João Cezar de Castro Rocha, Jessé Souza y Marcos Nobre, buscando señalar algunos límites y posibilidades de nuestra discusión interna.

Palabras clave: Autoritarismo; Capitalismo; Desigualdad; Democracia; Extrema Derecha; Populismo.

Introdução

A vitória de Donald Trump, com boa margem de folga diante de sua adversária Kamala Harris, talvez seja o fato simbolicamente mais marcante do momento histórico atual. Tanto suas duas eleições quanto a de Jair Bolsonaro em 2018 e a de inúmeros outros líderes autoritários ao redor do mundo, nos últimos anos, não deixam dúvidas sobre a importância do tema do autoritarismo na atualidade. Atrelado a isso, a tonalidade explicitamente racista de inúmeros discursos e falas destes líderes da nova extrema direita global chama a atenção para outro problema central. Um olhar atento nos permite perceber que a ascensão e a consolidação de tais lideranças carismáticas não existiria sem o apelo a alguma forma de conteúdo e sentimento racista em suas articulações.

Como se sabe, muito tem sido produzido sobre o tema do autoritarismo, tanto dentro quanto fora do Brasil, o que exige que façamos uma seleção cuidadosa das principais discussões e obras produzidas até o momento, a fim de tentar dar conta objetivamente dos fatos. Dentre as principais questões, podemos destacar a crise global da democracia, a perda de capacidade da esquerda em se comunicar com a grande maioria da população, os métodos não convencionais da extrema direita em fazer política e o apelo da mesma a sentimentos racistas, bem como o aprofundamento da precariedade e da ameaça de indignidade produzidos pelo capitalismo financeiro e de plataforma nas sociedades atuais.

Diante de tamanha complexidade, neste texto, apresento um panorama geral desta discussão, ressaltando os aspectos que me parecem mais relevantes, no plano internacional, de modo a adentrar, na sequência, em algumas das principais discussões atuais no Brasil. Neste sentido, é necessário evitar qualquer tipo de determinismo, seja ele histórico, cultural, econômico, nacional ou de qualquer outra natureza.

Tem sido comum, por exemplo, o retorno às análises sobre a ascensão do fascismo clássico, de modo a se buscar identificar semelhanças e diferenças entre seus aspectos centrais e o que tem sido chamado atualmente de neofascismo ou autoritarismo de extrema direita, dentre outras denominações.² O retorno ao passado histórico é sem dúvida um método de extrema importância para a compreensão dos dilemas do presente. Entretanto, o passado não deve ser transformado em determinismo histórico. Aspectos clássicos de análise como a situação econômica geral e os sentimentos predominantes em todas as classes e grupos sociais encontram conformações e combinações específicas em cada momento histórico, o que exige investigações igualmente específicas.

Assim, compondo o autoritarismo contemporâneo como um dos principais efeitos sociais e políticos da “grande transformação”³ vivenciada pelas sociedades capitalistas ocidentais nas últimas décadas, cenário no qual devemos situar o Brasil. Esta perspectiva não deve desconsiderar, naturalmente, o efeito que algumas formas de autoritarismo históricas podem exercer em sociedades como a brasileira. Entretanto, é preciso desnaturalizar um suposto autoritarismo tipicamente brasileiro como fator último de explicação de expressões autoritárias na conjuntura atual, a qual se situa em um mundo igualmente marcado por tais expressões.

² Sem dúvida, a releitura de clássicos como o *Estudos da personalidade autoritária*, de Adorno (2019), ou a redescoberta de autores como Erich Fromm (Cf. Maciel, 2020), especialmente considerando seu livro *Medo à liberdade* (1974) pode ser de grande valia para a compreensão do presente. Entretanto, esta literatura precisa ser confrontada com estudos atuais.

³ Esta expressão clássica de Karl Polanyi (2021) se popularizou nos últimos anos entre alguns dos principais estudiosos do capitalismo contemporâneo e se remete, no geral, às grandes modificações sociais produzidas pelo capitalismo em escala global desde a década de 1970, o que inclui a institucionalização da precariedade do trabalho e a consequente insegurança e instabilidade social como um todo, o que tem servido como pano de fundo geral para a adesão a sentimentos e ações autoritárias, inclusive nos países centrais.

Entender formas objetivas de autoritarismo no Brasil contemporâneo, a partir da grande transformação do capitalismo global nas últimas décadas, nos oferece várias possibilidades de análise. Primeiro, permite percebermos formas de autoritarismo como aspectos dinâmicos de construção social de qualquer sociedade, o que nos protege dos determinismos e nos deixa em aberto a possibilidade sempre real da mudança social. Além disso, nos permite buscar reconstruir a atualização dinâmica de formas de autoritarismo que não se explicam simplesmente pelo nosso “nacionalismo metodológico”,⁴ ou seja, como formas arcaicas que se perpetuam no tempo e nas relações sociais, mas sim como elementos dinâmicos que podem ou não ser reproduzidos e perpetuados nas sociedades atuais.

Em resumo, as formas de autoritarismo contemporâneas não podem ser compreendidas dinamicamente, no cenário global atual, que vai necessariamente refletir na situação brasileira, sem que estejam ancoradas em uma análise maior sobre as profundas transformações produzidas pelo capitalismo contemporâneo nas últimas décadas. Particularmente, procurei contribuir com esta discussão a partir do conceito de “capitalismo indigno” (Maciel, 2024a, 2024b). Com isso, defino a forma de capitalismo que, desde a década de 1970, se consolida em escala global e tem como uma de suas principais características a naturalização do desvalor da vida humana como um todo. Este novo capitalismo afeta especialmente as classes populares em todos os países, conformando assim uma espécie de “ralé global”, inédita na história.

Assim, parto do pressuposto de que este novo tipo de capitalismo, inclusive nos países considerados centrais, deve ser tratado como o principal pano de fundo econômico, cultural, moral e simbólico, que produz de maneira crescente formas de pensar, agir e sentir autoritárias na sociedade como um todo (Maciel, 2024b). Neste sentido, a generalização da precariedade do trabalho, bem como o aumento de desemprego e do subemprego estrutural, atrelados ao medo da indignidade, o que afeta nas apenas as classes populares, mas também frações precarizadas da classe média, parece ser o cenário perfeito para a ascensão de sentimentos, pensamentos e ações autoritárias. Vejamos agora como uma literatura recente, no plano internacional, corrobora fortemente este argumento.

Da estabilidade à insegurança social

Para o sociólogo marxista alemão Klaus Dörre (2018), que estudou a fundo a relação entre precariedade e autoritarismo, o aprofundamento da precariedade no trabalho tem servido de base para o medo, a insegurança e a angústia de grande parte da população, diante de um cenário crescente de instabilidade econômica e política que se instaura tanto na Alemanha quanto na Europa. Em consonância com Arlie Hochschild (2018), que observou a mesma situação nos Estados Unidos, Dörre utiliza a metáfora da autora de uma *fila de espera*, de modo a tematizar este cenário de angústia e insegurança crescente, relacionado a uma sensação de perda e saudosismo em referência a um mundo anterior de estabilidade nos países centrais, que parece ter se exaurido sem possibilidades de retorno. Este tipo de sentimento tem sido a base para a adesão a movimentos autoritários que são, em sua essência, também racistas, sendo que o conteúdo deste racismo possui variações de acordo com cada continente e país. Assim, para Dörre (2020), o que ele define como uma “sociedade de classes desmobilizada” seria o pano de fundo para a extrema-direita se utilizar da situação socioeconômica instável, bem como de tensões culturais presentes nas relações sociais.

⁴ Com este conceito, Ulrich Beck (2008) procurou definir a forma como as desigualdades foram pensadas, ao longo do século XX, dentro do enquadramento teórico, político e cognitivo das sociedades nacionais.

Em consonância com isso, o sociólogo alemão Wilhelm Heitmeyer (2018) ressalta que a sensação de perda de controle e a desconfiança geral nas instituições são algumas das bases principais do que ele define como um nacionalismo radical de direita, que vai embasar partidos de extrema-direita como o AfD e movimentos como o PEGIDA, dentre outros semelhantes na Europa e em outras partes do mundo. Nos casos alemão e europeu, o conteúdo do racismo destes tipos de movimentos e partidos direciona-se muito mais contra o imigrante não europeu ou, em alguns cenários, do leste europeu pauperizado, que agora disputa espaço com os europeus nativos da classe trabalhadora, em países como a França, a Alemanha e a Inglaterra. Isto é o que tem provocado ideais fortemente excludentes como o fechamento da Europa e o sentimento de aversão contra povos, etnias e culturas diferentes, o que se exemplifica bem na intolerância crescente contra a cultura árabe e a religião islâmica.

Além disso, Heitmeyer (2018) percebe, desde a década de 2000, na Alemanha, uma forte conexão entre um tipo de capitalismo que ele define como *autoritário*, o esvaziamento da democracia e a ascensão do populismo de direita. Isto seria, para o autor, também um efeito do aprofundamento de certas ambivalências da modernidade, o que culminaria em diferentes formas de autoritarismo. Com efeito, este novo radicalismo nacional autoritário seria uma ameaça frontal a qualquer noção de sociedade aberta e de democracia liberal na Europa, pondo em xeque estes que seriam valores centrais daquele continente.

Ademais, Heitmeyer, Freiheit e Sitzer (2020), avançam com esta análise, inclusive com pesquisa empírica, a partir da ideia de uma *aliança ameaçadora de direita*, que se consolida na Alemanha atual. A tese defendida é que uma desdiferenciação, intelectualização e dinamização do espectro político de direita se torna agora um problema central em seu país. Para os autores, uma espécie de *misantrópia de grupo* normaliza-se agora em boa parte da população, diluindo a fronteira entre a extrema direita e alguns segmentos democráticos-conservadores do espectro partidário. Como origem desta situação, os autores identificam razões econômicas e sócioculturais. Por um lado, a *Landnahme* capitalista (Dörre, 2022) fenômeno que se remete à necessidade de expansão sem limites do sistema, o que afeta inclusive os países centrais, por outro, os processos de desintegração social e de esvaziamento da democracia se tornam a base da perda de confiança no sistema democrático como um todo.

No geral, o que estas análises estão indicando é o importante elo contemporâneo entre precariedade e autoritarismo. Diante disso, é possível e necessário acrescentar a dimensão da indignidade nesta busca de articulação teórica. A questão da indignidade das classes pauperizadas, em países periféricos como o Brasil, não é novidade, conforme a conhecida análise de Jessé Souza (2009).⁵ Entretanto, sua chegada e aumento permanente em países centrais como os Estados Unidos, Alemanha, França e Inglaterra, dentre outros, se torna agora uma realidade sem precedentes.⁶ Com isso, o elo entre precariedade, indignidade e autoritarismo se mostra quando, por exemplo, percebemos em um país como a Alemanha a ameaça de que boa parte de seus cidadãos, estrangeiros e alemães, passam agora a correr o risco real de não ter acesso ao mínimo material e imaterial que garanta a sua dignidade. Como mostrou Klaus Dörre (2018), a precariedade neste sentido tem sido um dos principais combustíveis a alimentar o que Heitmeyer (2018) chamou provocativamente de “tentações autoritárias”.

Em um instigante livro, intitulado *Gekränkte Freiheit* (Liberdade adoecida), Carolin Amlinger e Oliver Nachtwey (2022) apresentam uma análise a partir de entrevistas que

⁵ Neste sentido, a ideia de indignidade remete-se a condição moral e simbólica de privação e humilhação sofrida pelas classes populares, que flutuam entre o desemprego estrutural e o trabalho precário e indigno.

⁶ Neste ponto, cabe ressaltar que a análise se remete a países ocidentais, pois países como China e Rússia, por exemplo, possuem realidades históricas bastante distintas, o que não caberia explorar neste texto.

realizaram com pessoas que se consideram de pensamento alternativo (Querdenken-Szene), além de militantes do AfD, (zivilgesellschaftlich aktiven Afd-Anhänger:innen). Com isso, eles procuraram tematizar a ideia de uma “liberdade adoecida”, que nomeia o livro. Estas pessoas se veem como vítimas de um *establishment* sinistro no qual liberais e esquerdistas, acadêmicos e corporações globais estariam preparando um totalitarismo de proporções sem precedentes. Algo muito semelhante pode ser identificado entre militantes da extrema-direita no Brasil, como pode ser visto, por exemplo, na obra de João Cezar de Castro Rocha (2023).

Para os autores, há fortes evidências de que as causas desta situação podem ser encontradas no desenvolvimento histórico das sociedades capitalistas. Nesse sentido, eles consideram o que definem como *autoritarismo libertário* não como um movimento irracional *contra*, mas como um *efeito* colateral das sociedades modernas tardias.⁷ Isto significa que sua promessa de autorrealização individual abriga um potencial de mortificação que pode se transformar em frustração e ressentimento. Assim, os entrevistados defenderam veementemente uma forma de liberdade, mas a liberdade deles, de maneira estranhamente irrefutável e autoritária. Com isso, os autores entendem esse autoritarismo libertário como um sintoma de uma liberdade violada, uma ideia individualista de liberdade, na qual os vínculos sociais são fortemente evitados. Nessa perspectiva, a liberdade não seria uma condição social compartilhada, mas se resumiria a uma posse pessoal. O protesto libertário-autoritário é dirigido assim contra a sociedade moderna tardia, mas se rebela exatamente em nome de alguns de seus valores centrais como a autodeterminação e a soberania (Amlinger; Nachtwey, 2022, p. 13).

Em consonância com isso, a socióloga israelense Eva Illouz publicou recentemente um livro intitulado *Undemokratische Emotionen* (Emoções antidemocráticas) (Illouz, 2022). Com forte influência da crítica da ideologia de Adorno e buscando compreender a especificidade da escalada autoritária atual em Israel, a autora se concentrou em um aspecto crucial do que considera uma “mistura complexa”. Trata-se da percepção do mundo social com base em quadros de referência sócio causais equivocados, ou seja, explicações falsas das inter-relações sociais e econômicas, que guiariam os pensamentos e as ações autoritárias. Para a autora, seria necessário distinguir o “equivocado” do “errado” porque o primeiro atributo não desqualifica ou nega o pensamento e o sentimento das pessoas. Ele mantém a possibilidade analítica de que esse pensamento não seja perfeito, mas também não esteja errado, porém simplesmente equivocado. Ele não está errado na medida em que contém os rastros de uma experiência social real que deve ser captada pela análise sociológica acurada. Esses rastros podem trazer à tona razões que devem ser compreendidas e levadas em conta (Illouz, 2022, p. 14).

A autora está interessada exatamente em tais razões, pois elas emergiram de uma série de entrevistas realizadas por ela com pessoas que professam visões de mundo de direita, populistas e ultranacionalistas. Com isso, ela buscou entender a lógica interna de suas visões de mundo, se perguntando onde e como exatamente os pensamentos sobre o ambiente social foram distorcidos. Assim, o livro procura tratar das estruturas causais que explicam nosso mundo social e dos mecanismos pelos quais elas influenciam profundamente a percepção política e o comportamento dos cidadãos (Illouz, 2002, p. 15).

Ademais, Illouz afirma que, se pretendemos entender por que algumas referências podem distorcer nossa percepção do mundo social, ou seja, por que somos incapazes de chamar uma miséria real pelo seu nome, precisaríamos aplicar as reflexões iniciais de Adorno a novas áreas do conhecimento e compreender mais claramente do que ele próprio o entrelaçamento do pensamento social com os sentimentos. Para ela, somente os sentimentos

⁷ Aqui, vale lembrar que líderes da extrema-direita como Javier Milei se consideram abertamente libertários, aspecto este de suas manifestações públicas que foi decisivo para sua eleição.

têm o poder de negar evidências empíricas, determinar nossa motivação, eclipsar nossos próprios interesses e, ao mesmo tempo, fornecer respostas a situações sociais concretas.

Na mesma direção, encontra-se a conhecida análise de Arlie Hochschild (2016, 2018) sobre o caso dos Estados Unidos. A autora realizou uma pesquisa no interior de alguns dos estados mais conservadores do país, de modo a compreender como o coração de pessoas comuns foi seduzido pelo movimento que levou à eleição de Donald Trump em 2016. Agora, com a nova eleição de um Trump ainda mais agressivo e empoderado do que antes, sua análise se torna mais do que propícia. Ela tematizou a complexa situação dos Estados Unidos com a potente metáfora do “estranho em seu próprio país”, se referindo ao sentimento do cidadão americano mediano diante do estrangeiro, que no atual contexto é visto como aquele que vem para “roubar” os empregos. Não por acaso, a apropriação de Trump do slogan de Ronald Reagan “Make American great again” é um aspecto central de sua narrativa. Também não é casual que umas das principais promessas de campanha que levaram Trump a se eleger novamente é a deportação em massa de imigrantes ilegais. Este talvez seja o fato que mais simboliza o sentimento excluente da extrema-direita em escala global. A questão dos imigrantes, com efeito, corrobora fortemente nossa hipótese de compreender a generalização da precariedade e o espectro da indignidade como pano de fundo global para a escalada autoritária.

Em seu livro *Nacional-populismo: a revolta contra a democracia liberal*, os ingleses Roger Eatwell e Matthew Goodwin (2020), argumentam que, para entender de fato o movimento central das sociedades contemporâneas, seria preciso dar um passo atrás e olhar para tendências duradouras e profundas que tem remodelado nossas sociedades pelo menos há décadas. Neste sentido, um primeiro movimento seria compreender que o fascismo clássico é algo bem diferente do que eles chamam de *nacional-populismo*. Os autores também procuram compreender por que cada vez mais pessoas em todo o Ocidente estão abandonando movimentos mais convencionais em favor do nacional-populismo (Eatwell & Goodwin, 2020, p. 7).

Com isso, procuram discutir o nacional-populismo como um movimento que, no início do século XXI, desafia de maneira crescente as políticas convencionais do Ocidente. Com efeito, os nacional-populistas priorizariam a cultura e os interesses da nação, prometendo dar voz a pessoas que se sentem negligenciadas e mesmo desprezadas por supostas elites que seriam consideradas “distantes” e “corruptas” (Idem, p. 9). Assim, os autores são enfáticos ao argumentar que o nacional-populismo, bem como seu impacto mais amplo sobre partidos e sistemas políticos, seria um fenômeno que, longe de passageiro, chegou para ficar (Idem, p. 9).

Os nacional-populistas surgiram, para eles, bem antes da crise financeira de 2008 e da Grande Recessão que a sucedeu. Seus apoiadores seriam bem mais diversos que o estereótipo do velho branco raivoso que, para muitos, seria em breve substituído por uma nova geração de *millenials* mais tolerantes. Tais apoiadores na verdade fariam parte de uma revolta crescente contra a política e os valores liberais convencionais (Idem, p. 10). Neste ponto, os autores discordariam de Amlinger e Nachtwey (2020), para quem os simpatizantes da extrema direita estariam muito mais reproduzindo do que contestando os valores liberais do Ocidente.

No geral, os autores entendem que tal desafio ao *mainstream* liberal não seria antidemocrático, mas os nacional-populistas, de alguma forma, se oporiam a certos aspectos da democracia liberal predominante no Ocidente. Contrário a muitas reações histéricas, a maioria daqueles que apoiam estes movimentos não seriam simplesmente classificados como fascistas que desejam destruir nossas instituições políticas mais fundamentais (Idem, p. 11).

Com efeito, os autores argumentam que, pouco antes de Trump vencer a eleição de 2016, mais da metade dos americanos brancos sem diploma sentia que Washington não os representava. Do mesmo modo, antes da vitória do Brexit na Europa, quase um em cada dois trabalhadores britânicos sentia que “pessoas como eles” (grifo dos autores) já não tinham voz no diálogo nacional (Idem, p. 11). Com isso, o nacional-populismo teria também suscitado questões democráticas legítimas que milhões de pessoas comuns gostariam de discutir. Elas questionaram a maneira pela qual as elites se tornavam sempre mais isoladas da vida e das preocupações das pessoas comuns (Idem, p. 11).

Um aspecto central da análise dos autores é referente a forma como a economia globalizada neoliberal teria atiçado uma forte sensação do que a psicologia chama de “privação” relativa, o que seria resultado das crescentes desigualdades de renda e riqueza no Ocidente e da falta de fé em um futuro melhor. Isto incluiria uma percepção de perda relativa em relação a outros grupos, de forma comparativa (Idem, p. 21).

Em complemento, para Enzo Traverso (2021), o momento atual seria melhor caracterizado como um período de *pós-fascismo*. Isto porque este conceito enfatiza sua particularidade cronológica e o localiza em uma sequência histórica marcada tanto pela continuidade quanto pela transformação. Com efeito, ele não resolve todas as questões que foram abertas no cenário atual, mas enfatiza a realidade da mudança. Para o autor, quando se fala em fascismo, não há ambiguidade sobre o tema, mas as novas forças da direita radical observáveis hoje seriam um fenômeno heterogêneo e composto. Isto por que elas não têm as mesmas características em todos os países, e nem mesmo dentro da Europa (Traverso, 2021, p. 17).

O autor ressalta também que o pós-fascismo deveria ser distinguido analiticamente do *neofascismo*, o que seria uma tentativa de perpetuar e regenerar o velho fascismo. Exemplos disso seriam os vários partidos e movimentos que surgiram na Europa Central ao longo das últimas duas décadas e que pregam abertamente uma continuidade ideológica com o fascismo histórico. Assim, o pós-fascismo seria algo além: em muitos casos, ele surge de um passado fascista clássico, mas vem mudando suas formas. Inúmeros movimentos pertencentes a tal constelação não apelam a essa origem e se distinguem, assim, do neofascismo. De todo modo, não exigem uma continuidade ideológica com o fascismo clássico (Traverso, 2021, p. 17). Por fim, o pós-fascismo pertence a um regime particular de historicidade, ou seja, o início do século XXI, o que explicaria seu conteúdo errático, instável e contraditório, no qual se misturam filosofias políticas antinômicas (Idem, p. 17).

Para Pablo Stefanoni (2022), em sua busca de compreender como a rebeldia teria se tornado de direita, a esquerda, nas décadas recentes, ao se tornar defensiva e esconder-se em certa normatividade do politicamente correto, sobretudo em sua versão *progressista* (grifo do autor), foi se deslocando gradativamente da imagem histórica da rebeldia, da desobediência e da transgressão, que a caracterizava. Com isso, o progressismo teria se acomodado, travando sua luta no campo específico da cultura, em uma zona de conforto moral e em uma adaptação a um capitalismo de tipo *hipster*, além de se sentir oprimido por certo peso da responsabilidade que o obriga a dar conta da complexa realidade atual, ao mesmo tempo perdendo grande parte de sua mística política (Stefanoni, 2022, p. 19).

Assim, o autor alerta para a necessidade de se prestar mais atenção às direitas, analisando suas transformações e indagando sobre o *discreto charme* que, em suas diferentes vertentes, consegue exercer influência nas novas gerações. No geral, para ele, existe certa pretensão de superioridade moral do progressismo que o coloca em desvantagem no momento de discutir com as direitas emergentes. Assim, seria fundamental aceitar a provocação emanada da direita e conferir em que consiste sua rebeldia, o que desejam os novos rebeldes da direita e, talvez o mais importante, por que tanta gente os segue. Isso

incluiria ainda um passo além: levar a sério suas ideias, mesmo que estas nos pareçam moralmente desprezíveis e até mesmo ridículas (Stefanoni, 2022, p. 19).

Veremos agora como algumas das principais obras e autores de destaque no cenário brasileiro atual tem enfrentado o problema do autoritarismo entre nós. Seus pontos fortes, limites e dificuldades, em confronto analítico com a literatura internacional, serão objeto de atenção central. Com isso, será preciso perceber em que medida as análises dos autores convergem para aspectos universais do autoritarismo contemporâneo e em que medida conseguem identificar a especificidade de nossa situação atual, bem como suas principais causas.

Limites e possibilidades do debate brasileiro

Em seu conhecido livro “Bolsonarismo: da guerra cultural ao terrorismo doméstico”, João Cezar de Castro Rocha (2023) procura tematizar aquilo que, de acordo com o subtítulo do livro, seria a “retórica do ódio e dissonância cognitiva coletiva” na sociedade brasileira atual. Rocha procura justificar a necessidade de se caracterizar a retórica do ódio, o que seria uma forma nada sutil de desumanização do outro (Rocha, 2023, p. 11). Com isso, seria preciso também entender que teorias conspiratórias e a manipulação de narrativas são construções sociais que possuem uma longa história. O resultado desta construção permitiria gerar uma atmosfera bélica, além de controlar o pensamento e eliminar a dissidência (Idem, p. 13).

Avançando com sua teorização, o autor procura compreender o que se chama atualmente de guerra cultural e o que seria a “despolitização da pólis”. Para ele, este seria o autêntico desafio-Esfinge do mundo contemporâneo, pois o avanço transnacional da extrema direita dependeria, neste sentido, da relativa incapacidade do campo progressista em decodificar o alcance radical de uma série de mutações provocadas pelo universo digital no mundo da política (Rocha, 2023, p. 17).

Para o autor, a guerra cultural seria uma matriz de produção em série, de narrativas polarizadoras, cuja radicalização crescente engendraria inimigos imaginários sem trégua, mantendo a militância em estado permanente de excitação. Daí residiria um paradoxo central: a guerra cultural recusa decididamente, com efeito, a política representativa, mas ao mesmo tempo, torna o ato político a razão de ser do dia a dia da militância conectada *full time* em inúmeros grupos de WhatsApp, além de diversos aplicativos e canais do YouTube (Rocha, 2023, p. 19).

O curioso na obra de Rocha é que ele dirige sua análise unicamente ao bolsonarismo e sua militância, quando na verdade boa parte da lógica da máquina digital poderia também ser aplicada ao comportamento de grupos de esquerda. Ademais, a “dissonância cognitiva” analisada pelo autor também se dirige apenas aos círculos ditos bolsonaristas. A pergunta que paira no ar é se esta dissonância não seria constitutiva de toda a sociedade contemporânea.

Neste contexto, a partir de matriz teórica ancorada na teoria crítica e do reconhecimento, bem como nas obras de Max Weber e Bourdieu, Jessé Souza vem desenvolvendo há anos sua análise sobre os fundamentos morais e simbólicos de reprodução e naturalização da desigualdade brasileira. Em seu último livro, *O pobre de direita: a vingança dos bastardos* (2024) ele nos oferece uma perspectiva que merece atenção. Nele, o autor procura compreender algumas razões históricas da extrema direita no Brasil, para depois colocar o enfoque em dois perfis brasileiros atuais que seriam fundamentais nesta investigação. Estes são o branco pobre de São Paulo e do sul do país e o negro evangélico, enquanto tipos ideais de análise.

Para Souza, o mais importante seria compreender por que estes perfis de pessoas oprimidas se identificariam com e votariam na extrema direita, exatamente seu opressor explícito. As razões mais profundas teriam a ver com a negação de reconhecimento e a humilhação cotidiana sofrida por tais pessoas, no atual contexto de capitalismo financeiro, fazendo-as se identificar com o discurso redentor da extrema-direita. Não por acaso, o autor abre o livro com uma análise sobre o que seria a “síndrome do Coringa”, fazendo referência ao filme de Todd Phillips, o que explicaria por que o cidadão comum oprimido projetaria sua desgraça pessoal em fantasias heroicas e destrutivas alimentadas pela extrema direita.

Ademais, na obra de Marcos Nobre encontramos uma interpretação que nos remete diretamente a conjuntura brasileira atual, permitindo compreender o autoritarismo brasileiro recente em eventos mais concretos da política e das manifestações sociais no seio da sociedade. Em seu livro *Limites da democracia: de junho de 2013 ao governo Bolsonaro* (2022), o autor parte de uma análise das jornadas de junho, de modo a mapear a trajetória coletiva que nos trouxe até aqui. Para ele, a eleição de Bolsonaro teria levado o país a uma situação de emergência democrática duradoura. Com isso formou-se, de maneira inédita, desde a redemocratização, um movimento cuja existência seria o desafio permanente das instituições democráticas em sentido destrutivo. Este movimento, para o autor, utiliza a institucionalidade como instrumento, e não como fim, fazendo uso da própria institucionalidade para destruir as instituições democráticas (Nobre, 2022, p. 11-12).

Segundo Nobre, apenas uma pequena parcela de nossa esquerda democrática, sem muito potencial para alterar os rumos institucionais, teria visto em junho de 2013 um potencial de transformação de nossa democracia, tendo naquela energia social dispersa um potencial de superar o fenômeno que ele tem definido como pemedebismo. Por outro lado, as chamadas “novas direitas” já vinham se organizando há pelo menos dez anos antes de Junho e, exatamente por isso, teriam tido já conquistado uma massa crítica considerável e notaram assim naquele momento uma oportunidade única de confrontar diretamente nosso sistema político (Nobre, 2022, p. 18).

Com isso, a eleição de Bolsonaro teria sido a obra conjunta de um sistema político que se recusou a uma autorreforma, além de uma energia social que não encontrou caminho para interferir na institucionalidade, a não ser através de uma força judicial e de mobilizações de base no campo da direita, que teriam sido incapazes de formular um projeto de institucionalização política claro e viável, independente da extrema direita (Nobre, 2020, p. 20). Vale lembrar que a crise financeira de 2008 e a consequente intensificação da precariedade em escala global, refletindo seriamente no Brasil, é um marco para as análises de conjuntura recente em nosso caso.

Outra obra importante sobre a conjuntura brasileira recente é o livro *Biografia do abismo*, de Felipe Nunes e Thomas Traumann (2024). Ancorados em ampla pesquisa empírica os autores procuraram mapear como a polarização política, evoluída para um processo que eles definem como “calcificação”, seria profunda e danosa ao país como um todo. Para eles, na eleição de 2022, a mais disputada de nossa história, o Brasil teria vivido a consolidação de um processo de polarização extrema. Referindo-se a conjuntura anterior, os autores ressaltam que PT e PSDB trocavam críticas e acusações duras, mas a retórica do “nós contra eles” não pregava a eliminação do adversário, ou seja, ainda admitia a existência do outro (Nunes & Traumann, 2024, p. 13).

Com efeito, na medida em que o PT se consolida como uma força política de sólida base eleitoral na população, os eleitores que se opõem a ela semeiam sentimentos de rejeição e formam uma identidade definida como tal, o que seria o antipetismo. Nesse contexto é que o centro político implode e se fragmenta, com Bolsonaro surgindo enquanto a alternativa mais viável eleitoralmente, aplacando a raiva contra a política. Assim, a eleição de 2018 teria

sido o ponto de inflexão na transformação da polarização partidária em um fenômeno novo, mais extremado, no qual o radicalismo político teria começado a transbordar para o cotidiano (Nunes & Traumann, 2024, p. 13-14).

Por fim, os autores consideram que tal polarização extrema é um fenômeno intimamente conectado ao retorno do populismo em escala global, considerando este conceito como referência ao antagonismo político enquanto confronto entre o bem, que seria o povo, e o mal, encarnado pelas elites, colocando o foco do debate na dimensão moral, em detrimento de plataformas e propostas políticas concretas. Com isso, ao longo do livro os autores vão buscar respostas para questões cruciais como, por exemplo, de que forma as opiniões políticas passaram a ditar com quem convivemos, por que a tolerância com opiniões divergentes ficou tão curta e por que as eleições não terminaram mesmo depois da proclamação dos resultados (Nunes & Trautmann, 2024, p. 15).

Considerações finais

Procurei reconstruir os aspectos centrais de algumas das principais obras, no cenário internacional e brasileiro, que servem como ponto de partida para uma discussão contundente sobre as nuances e ambiguidades do autoritarismo contemporâneo. Considerando o amplo volume de publicações sobre o tema na atualidade, procurei mobilizar aqui algumas das obras que considero mais centrais para este debate.

No geral, todas elas abordam, direta ou indiretamente alguns dos aspectos gerais desta discussão: a precariedade, a instabilidade social e a ameaça de indignidade (especialmente para as classes populares) como pano de fundo para o autoritarismo; as novas articulações políticas e sociais da extrema direita; o fracasso e falência da esquerda em seu potencial de comunicação e representatividade; a falência ou o esgotamento da democracia no Ocidente.

No plano internacional, é de fundamental importância compreender o aumento sem precedentes da precariedade do trabalho e da ameaça de indignidade para frações cada vez maiores das populações dos países ditos centrais. As obras de Klaus Dörre, Wilhelm Heitmeyer, Arlie Hochschild, Roger Eatwell e Matthew Goodwin corroboram fortemente esta afirmação. Além destes, em um cenário mais amplo, autores como Richard Sennett nos Estados Unidos, Robert Castel na França, e Ulrich Beck na Alemanha, dentre outros, já haviam demonstrado como os efeitos do capitalismo flexível (Sennett), o fim da sociedade salarial (Castel) e o aprofundamento do fenômeno da brasilização do Ocidente (Beck) afetam diretamente os pilares sociais da democracia em seus respectivos países.

Por outro lado, em complemento, autores como Carolin Amlinger, Oliver Nachtwey e Eva Illouz contribuem decisivamente para a compreensão das dimensões imateriais de reprodução de uma condição crescente de instabilidade social nos países centrais. A interpretação de uma noção de liberdade distorcida (Amlinger e Nachtwey), defendida por pessoas comuns que acreditam estar criticando o “sistema” como um todo, em adição a uma teoria dos afetos (Illouz), apontando para a dimensão da existência humana na qual tais distorções auto interpretativas são possíveis, deixa claro como a condição geral de insegurança e instabilidade se reproduz na autopercepção de parcelas significativas da população.

Ademais, a percepção do historiador Enzo Traverso, de que o pós-fascismo possui uma temporalidade específica, situa este fenômeno no contexto atual de um novo capitalismo flexível e precarizado, que tenho definido como “indigno”. Desta forma, não podemos compreender as novas formas e movimentos do autoritarismo contemporâneo sem nos remetermos à grande transformação econômica e moral vivida pelas sociedades capitalistas

nas últimas décadas, o que afeta, ainda que diferencialmente, tanto os países centrais quanto os periféricos.

A obra de Pablo Stefanoni aponta para aquele que talvez seja o principal problema da esquerda e dos grupos autodenominados como progressistas, a saber, ignorar a potência e as razões profundas que motivam e mobilizam tanto grupos de militantes e partidos de extrema direita quanto milhões de pessoas comuns que simpatizam com eles. Entre simpatizantes do AfD, na Alemanha, por exemplo, é comum a percepção de não se tratar de um partido fascista, extremista ou racista, mas sim de um partido que representa ansiedades legítimas de grande parte da população.

Dentre os autores brasileiros, no caso de João Cezar de Castro Rocha, a dificuldade maior se resume a aplicar apenas ao “bolsonarismo” ou aos “bolsonaristas” características que talvez se remetam a toda a sociedade brasileira e até mesmo a global contemporânea. O conceito de “dissonância cognitiva”, por exemplo, poderia nos remeter à distância entre as elites políticas e econômicas e a população comum, o que tem surgido recorrentemente como um aspecto central das análises sobre o autoritarismo atual. Do contrário, para Castro Rocha, esta “dissonância” resume-se ao público bolsonarista.

No caso de Jessé Souza, o polêmico conceito de “pobre de direita” nos apresenta alguns desafios. Neste ponto, vale lembrar que milhões de pessoas das classes populares no Brasil votaram duas vezes em Lula, uma em Dilma Rousseff, depois em Bolsonaro e, recentemente, novamente em Lula ou Bolsonaro. Ou seja, em contextos recentes inúmeros destes atuais pobres de direita votaram também na esquerda, o que sugere a necessidade de observarmos em cada eleição específica as razões do voto das classes populares no Brasil, o que não nega, naturalmente, a provocativa tese de Souza.

Ademais, a obra de Marcos Nobre apresenta elementos contundentes para a compreensão do esfacelamento da democracia entre nós, mas também para entendermos sua sobrevivência, o que é de alta relevância. O mais importante deles talvez seja mostrar como, já nas jornadas de junho de 2013, alguns sintomas importantes foram apresentados pela sociedade brasileira e não compreendidos pelas frações ditas progressistas do campo político. Esta lição pode e deve ser lembrada agora e em conjunturas posteriores.

Por fim, o livro de Nunes e Trautmann defende a provocativa tese da polarização calcificada entre dois grupos antagônicos no Brasil recente, que teriam se refletido nas últimas eleições, especialmente a de 2018. Como se sabe, a tese da polarização já é dominante no cenário contemporâneo, tanto brasileiro quanto internacional, carente, porém, de críticas contundentes a seu respeito. Uma delas, construída no cenário alemão, é defendida pelos sociólogos Steffen Mau, Thomas Lux e Linus Westheuer (2023), em seu instigante livro *Triggerpunkte. Konsens und Konflikt in der Gegenwartsgesellschaft* (Pontos de gatilho. Consenso e conflito na sociedade contemporânea).

Para os autores, a imagem construída pela teoria da polarização é superficial, na medida em que não consegue se aprofundar na diversidade de conflitos presentes na sociedade contemporânea, definida pelas distintas formas de desigualdade atuais. As principais delas, elencadas pelos autores, remetem-se a conflitos socioeconômicos de distribuição (desigualdades entre os “de cima e de baixo”), controvérsias em torno do tema da imigração (desigualdades entre “os de dentro e os de fora”), lutas por reconhecimento a partir de políticas identitárias (desigualdades entre o “nós e eles”) e, por fim, os conflitos em torno das políticas ambientais (desigualdades entre o “hoje e o amanhã”).

No geral, procurei neste artigo reconstruir e articular algumas das principais discussões sobre o fenômeno do autoritarismo contemporâneo, tanto no plano internacional quanto no brasileiro, de modo a contribuir para apontar caminhos de compreensão e superação do problema. Neste sentido, a produção de conhecimento científico sobre o tema

precisa fomentar ações efetivas, tanto do campo político quanto da sociedade em sua totalidade.

Referências

- ADORNO, Theodor. *Estudos sobre a personalidade autoritária*. São Paulo: Editora da Unesp, 2019.
- AMLINGER, Carolin; NACHTWEY, Oliver. *Gekränkte Freiheit. Aspekte des libertären Autoritarismus*. Berlim: Suhrkamp Verlag, 2022.
- BECK, Ulrich. *Die Neuvermessung der Ungleichheit unter den Menschen*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2008.
- BECK, Ulrich. *Risikogesellschaft. Auf dem Weg in eine andere Moderne*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1986.
- BECK, Ulrich. *Schöne neue Arbeitswelt*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2007.
- CASTEL, Robert. *As metamorfoses da questão social. Uma crônica do salário*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- DÖRRE, Klaus. *In der Warteschlange. Arbeiter*innen und die radikale Rechte*. Münster: Westfälisches Dampfboot, 2020.
- DÖRRE, Klaus. In der Warteschlange. Rassismus, völkischer Populismus und die Arbeiterfrage. In: BECKER, Karina; DÖRRE, Klaus; REIF-SPIREK, Peter. (Orgs.) *Arbeiterbewegung von Rechts? Ungleichheit – Verteilungskämpfe – populistische Revolte*. Frankfurt; New York: Campus, 2018.
- DÖRRE, Klaus. *Teorema da expropriação capitalista*. São Paulo: Boitempo, 2022.
- EATWELL, Roger; GOODWIN, Matthew. *Nacional-populismo. A revolta contra a democracia liberal*. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2020.
- FROMM, Erich. *O medo à liberdade*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974.
- HEITMEYER, Wilhelm. *Autoritäre Versuchungen*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2018.
- HEITMEYER, Wilhelm. Nationalradikalismus. Ein neuer politischer Erfolgstypus zwischen konservativen Rechtspopulismus und gewaltförmigem Rechtsextremismus. In: BECKER, Karina; DÖRRE, Klaus; REIF-SPIREK, Peter. *Arbeiterbewegung von Rechts? Ungleichheit – Verteilungskämpfe – populistische Revolte*. Frankfurt; New York: Campus, 2018.
- HEITMEYER, Wilhelm; FREIHEIT, Manuela; SITZER, Peter. *Rechte bedrohungsallianzen*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2020.
- HOCHSCHILD, Arlie. *Strangers in their own land*. New York: The New Press, 2016.
- HOCHSCHILD, Arlie. Warum Trump? Fremd in ihren Land: Interview mit Arlie Russel Hochschild. In: BECKER, Karina; DÖRRE, Klaus; REIF-SPIREK, Peter. *Arbeiterbewegung von Rechts? Ungleichheit – Verteilungskämpfe – populistische Revolte*. Frankfurt; New York: Campus, 2018.

- ILLOUZ, Eva. *Undemokratische Emotionen. Das Beispiel Israel*. Berlin: Suhrkamp Verlag AG, 2022.
- MACIEL, Fabrício. A patologia da normalidade. Erich Fromm e a crítica da cultura capitalista contemporânea. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 22, nº 55, set-dez 2020, p. 262-288.
- MACIEL, Fabrício. Capitalismo indigno, autoritarismo e racismo: sobre a elite empresarial brasileira. *Caderno CRH*, Salvador, V. 37, 2024a.
- MACIEL, Fabrício. Capitalismo indigno: do estado de bem-estar à ascensão da extrema-direita. In: ESTANQUE, Elísio.; BARBOSA, Agnaldo; MACIEL, Fabrício. (Orgs.) *Re-trabalhando as classes no diálogo Norte-Sul. Trabalho e desigualdades no capitalismo pós-covid*. São Paulo: Editora da UNESP, 2024b.
- NOBRE, Marcos. *Limites da democracia. De junho de 2013 ao governo Bolsonaro*. São Paulo: Todavia, 2022.
- NUNES, Felipe; TRAUMANN, Thomas. *Biografia do abismo*. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2024.
- POLANYI, Karl. *A grande transformação. As origens políticas e econômicas de nossa época*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2021.
- ROCHA, João Cezar de C. *Bolsonarismo: da guerra cultural ao terrorismo doméstico. Retórica do ódio e dissonância cognitiva coletiva*. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.
- SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter. Consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- SOUZA, Jessé. *O pobre de direita: a vingança dos bastardos*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2024.
- STEFANONI, Pablo. *A rebeldia tornou-se de direita?* Campinas: Editora da Unicamp, 2022.
- TRAVERSO, Enzo. *As novas faces do fascismo. Populismo e a extrema direita*. Belo Horizonte: Editora Ayné, 2021.